

O roedor de ossos

Rubem Fonseca

Quando eu era criança, e a minha mãe ainda estava viva, todo domingo ela fazia galinha assada. Lembro que eu dizia nervoso:

«A asinha é minha, a asinha é minha!»

Eu pegava a asinha assada da galinha e ficava roendo aqueles ossinhos, era uma delícia. Eu roía e mastigava e engolia aquela pasta óssea que eu fabricava com os meus dentes.

«Julinho, você está roendo essa asa de galinha há mais de meia hora. Come também um pouco do peito, ele está esfriando no seu prato», dizia minha mãe.

Com a idade a minha vontade de roer ossos foi ficando mais intensa. Passava as noites acordado, pensando em roer ossos. A minha mãe e o meu pai haviam morrido, eu morava sozinho na nossa casa. Fui ao médico e lhe relatei esse problema.

«Doutor, eu não durmo, fico pensando em roer ossos e não consigo dormir.»

«Roer ossos?»

«Isso. Roer ossos.»

«Esse seu problema exige a atenção de um especialista em osteologia.»

«O quê?»

«Sim. Um osteólogo. Vou lhe dar o endereço do melhor osteologista que existe em nossa cidade. O nome dele é Abiel Brand. Doutor Abiel Brand. Abiel é do hebraico, significa *Deus é meu pai*. Brand é anglo-saxão, significa *corvo* ou *espada*. Os judeus são os melhores médicos que existem. Freud era judeu, o senhor sabia?»

«Sabia, sabia», respondi apressadamente, colocando no bolso o endereço e o telefone do tal osteo-não-sei-o-quê.

Liguei para ele.

Uma voz feminina sussurrante atendeu ao telefone.

«Quero marcar hora com o doutor, doutor...»

«Doutor Brand.»

«Isso, doutor Brand.»

«Esta semana ele não tem hora vaga. Semana que vem, quinta-feira, 16 horas.»

«Quinta-feira da semana que vem?»

«Um momento, por favor.»

Esperei. A secretária voltou.

«Um cliente acabou de cancelar a consulta marcada para hoje às 18 horas. Posso encaixar o senhor...»

«Sim, sim, muito obrigado. Hoje, 18 horas.»

Cheguei meia hora antes. Afinal, depois do que me pareceu uma eternidade, fui recebido pelo doutor Brand. Ele era um homem magro, calvo, que usava pincenê. Não se usa mais essa coisa, tem gente que nem sabe o que é. Pincenê são óculos sem haste que se prendem ao nariz por meio de uma mola. A mola não

devia estar funcionando corretamente, pois a todo momento o doutor Brand ajeitava os óculos no nariz.

Ele fez várias perguntas, sobre minha idade, minha saúde.

«Não consigo dormir pensando em roer ossos.»

O doutor Brand ajeitou o pincenê.

«Roer ossos... Interessante. Os ossos possuem uma relação com o metabolismo do cálcio, e a medula óssea está relacionada com a formação das células do sangue.»

Senti vontade de perguntar: «E daí?»

Por algum tempo ficamos os dois calados.

«Estou lhe receitando um remédio à base de cálcio. Como o senhor sabe, o cálcio é armazenado no retículo endoplasmático das células. Como o senhor sabe, o retículo endoplasmático, ou ergastoplasma, é um organelo exclusivo de células eucariontes. Formado a partir da invaginação da membrana plasmática, é constituído por uma rede de túbulos e vesículas achatados e interconectados, que se comunicam com o envoltório nuclear (carioteca). Foi descoberto em 1945 pelo citologista belga Albert Claude.»

Antes que o doutor Brand viesse com mais um «como o senhor sabe», peguei a receita, levantei-me da poltrona, disse muito obrigado e saí da sala. Paguei uma quantia enorme pela consulta. A secretária deu-me um recibo da Clínica Brand.

Claro que não tomei aquele remédio. Eu tinha uma empregada que era surda e cardíaca. Perfeita para o meu objetivo. O nome dela era Cremilda. Quando Cremilda não tomava o remédio ela perdia os sentidos. Duas vezes eu a encontrei caída na cozinha, sendo cheirada pelo Guri. Guri era o nome do meu gato vira-lata.

Apesar de tudo eu sou um sujeito de sorte. No dia seguinte à minha visita ao doutor Brand a Cremilda teve um desmaio. Ela estava descascando cebolas com uma faca bem amolada. Peguei a faca e cortei um dedo da Cremilda, o dedo médio, que é o maior de todos. Embrulhei o dedo num papel-alumínio que tinha na cozinha e coloquei-o no bolso. Quando Cremilda voltou a si, ao ver o dedo decepado, disse:

«Meu Deus, o que aconteceu, meu Deus?»

«Você estava cortando cebolas e cortou o dedo. O Guri pegou o dedo e saiu correndo com ele.»

«Meu Deus, meu Deus», disse Cremilda novamente.

Levei-a ao pronto-socorro, mas antes escondi o dedo na estante do meu quarto. Voltamos do hospital e Cremilda, sedada, dormiu logo que deitou na cama do seu quarto. Fui à cozinha, peguei uma frigideira, coloquei azeite e deixei o dedo fritar por um minuto, apenas um minuto. Depois fiquei roendo o dedo a noite inteira, roer um dedo é muito melhor do que roer uma asa de galinha assada, é uma iguaria maravilhosa.

Um cotovelo seria mais gostoso?